



A CONTRIBUIÇÃO DE ELIAS E DUNNING PARA O ESTUDO DO LAZER

PRONI, Marcelo Weishaupt – UNICAMP – mwproni@eco.unicamp.br

Introdução

Norbert Elias e Eric Dunning estão entre os primeiros sociólogos a dar uma atenção especial ao estudo do lazer. Embora *The quest for excitement* tenha sido publicado em 1986, os dois capítulos iniciais, que são objeto central deste artigo, foram originalmente publicados em 1967 e 1972, respectivamente. É importante notar que boa parte da análise desenvolvida pelos autores no segundo capítulo tem como interlocutores diretos os sociólogos Joffre Dumazedier (*Vers une civilisation du loisir?*, 1962) e Stanley Parker (*The future of work and leisure*, 1971), cujos enfoques tiveram considerável repercussão entre estudantes e profissionais do lazer nos anos 70 e 80, no Brasil.

O ponto de partida de Elias e Dunning foi mostrar que as abordagens sociológicas clássicas do lazer privilegiavam a oposição entre trabalho e lazer, atitude que propiciava ou reforçava uma visão parcial das funções e motivações relacionadas ao lazer na sociedade contemporânea. Em outras palavras, faltava “uma teoria central do lazer capaz de servir como quadro comum de investigação relativamente a todas as espécies de problemas específicos do lazer” (Elias & Dunning, 1992¹, cap. 2: 144). Como se pretende mostrar ao longo deste artigo, a teoria do lazer proposta por Elias e Dunning permanece sendo uma das mais instigantes (e ainda pouco exploradas) fontes de inspiração para pesquisas nessa área de estudos.

Para entender mais facilmente a abordagem de Elias e Dunning, seria conveniente que o leitor se familiarizasse, antes, com dois livros anteriores de Elias: *The civilizing process* e *What is sociology?*, que são como faróis a iluminar o caminho trilhado em *The quest for excitement*. Para contornar a dificuldade que os não iniciados podem encontrar ao se deparar com a terminologia e a densidade analítica de *A busca da excitação*, Dunning inseriu no Prefácio do livro explicações sobre alguns conceitos e princípios da sociologia figuracional, ao passo que Elias incluiu na Introdução várias referências à teoria do processo civilizador. Contudo, não é possível, aqui, explicar detalhadamente como foi construído o modelo de análise utilizado pelos dois autores.

Neste artigo, escrito com a finalidade de apresentar a abordagem destes autores numa exposição simples e didática, procura-se esclarecer quais as características constitutivas ou as propriedades básicas que definem uma atividade como “lazer” e esclarecer os argumentos de Elias e Dunning sobre os motivos que levam as pessoas, na sociedade contemporânea, a buscar uma tensão emocional prazerosa por meio de uma prática lúdica ou da fruição de um espetáculo. O texto está dividido em mais quatro seções, além desta. Começa situando o surgimento de novos hábitos de lazer no contexto do processo civilizador; em seguida, mostra como as atividades de lazer se diferenciam das demais atividades do chamado “tempo livre”; mais à frente, explica de que modo a quebra da rotina e a excitação emocional agradável atuam como antídoto para as tensões da vida moderna; ao final, acrescenta alguns comentários sobre os méritos da sociologia figuracional.

¹ Foi utilizada a tradução portuguesa, publicada em 1992. Todas as citações a seguir se baseiam nessa publicação.

O lazer no processo civilizador

De acordo com Elias e Dunning, o aparecimento de modernas modalidades de lazer deve ser entendido à luz do “processo civilizador dos costumes”². Isto é, para entender a natureza das modalidades predominantes de recreação e divertimento, seu significado e dimensão social, é preciso ter idéia de como o processo civilizatório atuou sobre as necessidades e hábitos de lazer na sociedade moderna.

O processo civilizador reflete, em poucas palavras, o desenvolvimento de normas de conduta social que inibem tanto as agressões físicas como as demonstrações espontâneas de sentimentos, conformando hábitos culturais “civilizados” e padrões de relacionamento que são internalizados pelos indivíduos e reproduzidos quase automaticamente. O desenvolvimento do autocontrole dos impulsos (sexuais, agressivos, brincalhões etc.) conforma uma “segunda natureza” nos indivíduos, parte constitutiva da personalidade humana, resultando numa espécie de “armadura de autodomínio” (cap. 2: 166) forjada pela ação de instituições civilizatórias (família, escola, trabalho, esporte etc.). Nas sociedades contemporâneas, de um modo geral, apenas às crianças são permitidas demonstrações espontâneas de sentimentos; dos adultos se espera e se exige um comportamento contido e racional, na maior parte do tempo. E é nesse comportamento civilizado que se fundamenta toda a vida política, econômica e cultural, nas nações “desenvolvidas”³.

O avanço do processo civilizador está associado a mudanças i) na estrutura da personalidade dos indivíduos, ii) no estilo de vida imperante e iii) nas diversas configurações sociais existentes. Tais mudanças, que se processaram no interior da civilização ocidental ao longo dos últimos quatro séculos, estiveram relacionadas com o desenvolvimento de formas de controle social mais eficazes (fortalecimento do Estado nacional e aprimoramento das instituições jurídicas) e favoreceram o surgimento de uma gama de opções civilizadas de entretenimento (p.e., o esporte), as quais se difundiram com maior êxito à medida que os indivíduos desenvolveram mecanismos de domínio de seus instintos e emoções. Numa perspectiva de longa duração, verifica-se uma correlação entre as modernas estruturas de poder, os modernos códigos de conduta e as novas aspirações e hábitos de lazer de distintos grupos sociais. Nesse sentido, pode-se considerar a substituição da festa comunitária, do circo de rua e dos jogos populares pelo baile dançante, pela matinê no cinema e pelo esporte no clube, respectivamente, como evidência de um desenvolvimento psicossocial que aponta na direção de um autocontrole mais efetivo dos indivíduos durante o convívio social.

Na maioria das sociedades do passado, os festivais e carnavais já constituíam oportunidades para relaxar as restrições sociais e deixar aflorar emoções fortes. Nas sociedades atuais, a diversidade de entretenimentos aumentou exponencialmente e as opções de escolha procuram satisfazer as múltiplas demandas de lazer. Mas a questão a compreender é: por que o aumento no nível de autocontrole dos impulsos exigiu, no mundo moderno, um redimensionamento e uma ressignificação das atividades de lazer? E, em adição: por que as atividades de lazer ganharam novas funções e propriedades?⁴

² Veja-se ELIAS, N. *El proceso de la civilización*, 1987, v. 1.

³ A necessidade de criar métodos de aprendizagem do autocontrole não é uma singularidade dos tempos modernos ou das nações socialmente mais desenvolvidas. O que mudou, conforme Elias, foram os mecanismos civilizatórios e a extensão da sua ação no conjunto da população.

⁴ Algo semelhante se pode ver nas cerimônias religiosas, que no passado despertavam o imaginário coletivo e cumpriam o papel de comoção e de arrebatamento, embora não permitissem a canalização de

Eis aí o cerne da abordagem em foco: o processo civilizador promove/resulta de novas configurações sociais e estimula/corresponde à aparição e difusão de novas práticas culturais, conferindo ao lazer das pessoas novas características, ou melhor, estimulando a preferência por entretenimentos “civilizados”.

Para Elias e Dunning, as modernas atividades de lazer liberam as tensões provenientes do estresse diário e, ao mesmo tempo, permitem manifestações intensas de sentimentos, contudo, sem ameaçar a integridade física e moral das pessoas e sem afrontar a ordem estabelecida. Em outras palavras, o lazer é um meio de “produzir um descontrolo de emoções agradável e controlado” (Introd.: 73), cuja principal função é oferecer um antídoto para as tensões resultantes do esforço contínuo de autocontrole. A sociedade moderna reservou para o lazer a satisfação da necessidade que os indivíduos têm de experimentar em público a explosão de fortes emoções, sem com isso perturbar ou colocar em risco a organização da vida social. O lazer pode ser visto, então, como a antítese e o complemento das rotinas formalmente impessoais, características do mundo premeditado do trabalho e das demais instituições que cerceiam as emoções.

O lazer no espectro do tempo livre

Para entender a sociologia do lazer de Elias e Dunning, é preciso delimitar as atividades que compõem esse universo de estudo. Ao contrário de outras definições, que caracterizam o lazer em oposição ao trabalho (prazer *versus* dever), a conceituação proposta por eles opõe o lazer às rotinas da vida social, entre as quais se inserem as ocupações profissionais. Assim, é necessário identificar as demais atividades, além do trabalho, que são executadas de forma “rotineira”⁵.

As atividades transcorridas no tempo livre (isto é, no tempo liberado do trabalho profissional) são muito variadas, incluindo desde a administração familiar e o repouso até os compromissos sociais e os entretenimentos. Logo, é fácil perceber que “só uma porção do tempo livre pode ser votada ao lazer” (cap. 1: 107). Contudo, isto não basta. Para uma conceituação rigorosa, é preciso pensar uma tipologia do tempo livre coerente com a teoria do processo civilizador, isto é, que permita distinguir com maior precisão as propriedades singulares do lazer. Para isso, as atividades do tempo livre foram classificadas conforme o grau de rotina, compondo um espectro de atividades agrupadas em três subconjuntos (cap. 2: 146-9):

- 1) atividades rotineiras (cuidados pessoais; tarefas domésticas; atenção a familiares etc.)
- 2) atividades de formação e autodesenvolvimento (trabalho social voluntário; estudo não escolar; *hobbies*; atividades religiosas; participação em associações; atualização de conhecimentos etc.)
- 3) atividades de lazer (encontros sociais formais ou informais; jogos e atividades miméticas, como participante ou como espectador; e uma miscelânea de atividades esporádicas prazerosas e multifuncionais, como viagens, jantares em restaurantes, caminhadas etc.)

As atividades do subconjunto 1, além de rotineiras, são tidas como pouco prazerosas. As atividades do subconjunto 2, dedicadas ao autodesenvolvimento pessoal,

sentimentos considerados impróprios. Na atualidade, embora continuem cumprindo esse papel, as cerimônias religiosas tornam-se, progressivamente, mais racionais.

⁵ Convém explicar que, para Elias e Dunning, “rotinas” são “canais correntes de acção reforçada por interdependência com outros, e impondo ao indivíduo um grau bastante elevado de regularidade, estabilidade e controlo emocional na conduta, e que bloqueiam outras linhas de acção” (cap. 2: 149). Dessa forma, uma atividade rotineira não se refere simplesmente à repetição de condutas e sim ao controle social e individual dos sentimentos, às normas e exigências a que as pessoas se submetem.

podem ser menos rotineiras (grau intermediário) que as do primeiro, podem até ser gratificantes, contudo, exigem disciplina e, em grande medida, a manutenção da conduta civilizada que reprime manifestações espontâneas.

Portanto, as típicas atividades de lazer (subconjunto 3) são aquelas mais associadas à destruição da rotina e que se caracterizam pelo descontrole controlado das restrições sobre as emoções. Tais atividades proporcionam oportunidades para experiências que estão excluídas dos setores altamente rotineiros e que precisam de um ambiente ou de uma situação especial para serem aprovadas socialmente.

Além do grau de rotina, há outros dois parâmetros complementares para definir as atividades que integram o campo do lazer. O primeiro é o “grau de compulsão social” (cap. 2: 150). Nas atividades de lazer, a compulsão é menor, ou seja, a participação não só é voluntária como menos sujeita a constrangimentos. O segundo é o grau de pessoalidade, ou melhor, a prioridade dada para a própria pessoa. Ao contrário do que se verifica no trabalho e em outras áreas de atuação, nas atividades de lazer as decisões são tomadas mais em função de si (“eu”) que dos outros (“eles”), respeitando sempre certos limites socialmente estabelecidos.

Ainda que as pessoas tenham pouco tempo livre para dedicar ao lazer, a expansão dessas atividades é notável. À medida que a teia de interdependências torna-se mais complexa, em razão da diferenciação dos papéis sociais, multiplicam-se e diversificam-se as modalidades de lazer. (Note-se que há uma grande variação na maneira como a excitação agradável pode se expressar no lazer.) Assim, na sociedade contemporânea, o lazer não só assume uma dimensão social mais ampla, como também expressa a diversidade de preferências pessoais e a necessidade que as pessoas têm de encontrar experiências propícias à sua individuação.

Por último, não se pode deixar de mencionar que algumas atividades do espectro do tempo livre não inseridas no subconjunto 3 (como frequentar aulas de natação ou cuidar do jardim) poderiam ser descritas por algumas pessoas como “lazer”. De fato, nenhuma tipologia está isenta de objeções. Deve-se esclarecer que os autores se referem a um “espectro” de atividades justamente porque, muitas vezes, há sobreposição e combinação de características. O importante não é classificar as inúmeras atividades nessa ou naquela categoria, e sim colocar em evidência as propriedades de tais “amalgamas” (cap. 2: 146).

A busca da excitação no lazer

Deve-se agora examinar mais detidamente os motivos que levam as pessoas, em sociedades altamente reguladas – nas quais se verifica um controle público e privado das condutas, com restrições a e desaprovação de ações fortemente emotivas –, a buscarem um tipo prazeroso de excitação.

Primeiro, é preciso esclarecer que, para Elias e Dunning, a busca da excitação no lazer não se explica como mera fuga do tédio, uma vez que a sociedade atual não é monótona, insípida, desprovida de desafios e motivações, nem o lazer um espaço de vivências à parte, desconectado do resto. A questão colocada por esses dois autores é um pouco mais sofisticada: remete para as rotinas racionais da vida moderna, que restringem a manifestação de sentimentos e, ao mesmo tempo, produzem um “sentimento de monotonia” e uma “secura de emoções” (cap. 1: 115) em meio à grande agitação e ansiedade que caracterizam o cotidiano das pessoas.

As rotinas são necessárias, entre outras coisas, para garantir um nível elevado de segurança aos indivíduos e instituições. Mas, um mundo com poucos perigos, no qual as pessoas não se expõem e protegem-se por detrás de suas máscaras, torna-se

perigosamente impessoal, desafiando os indivíduos a serem “pessoais”. Por isso, todas as atividades de lazer representam algum tipo de risco e desafiam a ordem da vida rotineira. Quando o lazer destrói a rotina, expõe a pessoa a certo nível de insegurança, a um maior ou menor risco, produzindo adrenalina e endorfina, gerando medo, esperança, exaltação, incerteza, catarse, choro, alegria, prazer e todo um rol de experiências essencialmente humanas. Por outro lado, se uma atividade de lazer torna-se rotineira, previsível, esvazia-se de significado e perde sua função primordial.

O segundo passo é entender que, quando a pressão sobre o indivíduo (causada pelas restrições sociais e pela autovigília) se torna muito forte, gera angústia, sofrimento, doenças. É preciso, por esse motivo, relaxar o controle, revitalizar a troca de afetos e a comunicação de sentimentos, que são essenciais nas relações humanas. É possível, inclusive, afirmar que o lazer é fundamental para a qualidade de vida e para a saúde das pessoas – porque, nessa abordagem, a vida biológica é inseparável da vida social.

Para Aristóteles, fazendo uma analogia com a medicina, a catarse produzida pela música e pelo teatro (tragédia) promove o expurgo de sentimentos nocivos à alma; em consequência, o prazer e o arrebatamento têm um “efeito curativo” (cap. 1: 122). Elias e Dunning adotam uma visão compatível com essa. E acrescentam: outra forma de liberação de tensões, que cumpre função semelhante, é o riso.

Torna-se importante distinguir as tensões agradáveis das desagradáveis, ou melhor, as que são tidas como benéficas das que são maléficas para o indivíduo. Embora busque combater o estresse diário, o lazer não atua simplesmente liberando tensões, mas principalmente produzindo um estado de tensão saudável. O traço comum nas modalidades de lazer é a produção de um tipo particular de tensão, responsável pela “restauração do tônus mental normal” (cap. 1: 138).

O terceiro passo é entender por que as atividades mais excitantes são as que provocam um efeito catártico, estando associadas ao que se pode chamar de “excitação mimética”. Para Elias e Dunning, o termo “mimético” não deve ser entendido no sentido de “imitação”. O que eles têm em mente é “a relação entre os sentimentos miméticos e as situações sérias específicas da vida” (cap. 1: 125-6); ou seja, essa excitação mimética ocorre quando as emoções despertadas no lazer estão relacionadas com as que são experimentadas em situações da “vida real”. Os conflitos, vitórias e fracassos representados numa tragédia grega podem não ter relação direta com a vida do público do século vinte, mas os sentimentos que afloram ao ver a peça são totalmente contemporâneos.

Na sociedade atual, onde o processo civilizador atingiu um estágio avançado, o padrão das necessidades emocionais possivelmente difere do padrão de sociedades anteriores. O que distingue a forma como os indivíduos buscam a excitação mimética na atualidade, entre outras coisas, é que a oscilação pendular entre o autocontrole e a liberação dos impulsos exige agora um elevado “grau de maturidade emocional” (cap. 2: 172).

Finalmente, o último passo: além de estudar as necessidades individuais de lazer, é preciso examinar as características das atividades que satisfazem essas necessidades na sociedade atual. Para Elias e Dunning, as atividades de lazer apresentam três “formas elementares de ativação emocional”: sociabilidade, mobilidade e imaginação (cap. 2: 178). A quebra da rotina e a busca da excitação estão sempre associadas a modalidades de lazer que, invariavelmente, envolvem uma ou mais destas três formas elementares. A sociabilidade é um elemento básico encontrado em praticamente todas as atividades de lazer, estando associada com a necessidade de estímulo da emotividade e de integração com outras pessoas. Opções típicas de lazer pautadas na sociabilidade são os cassinos e

bares, onde as pessoas podem arriscar, relaxar o autocontrole e ficar mais à vontade. A mobilidade refere-se ao movimento corporal e também traz a possibilidade de “retirar a armadura” e vivenciar um sentimento de liberdade, como quando se vai à praia, à danceteria ou a um parque temático. A imaginação, por sua vez, atua diretamente nas atividades “miméticas”, aquelas nas quais é permitido experimentar sentimentos intensos (como paixão e fé) ou emoções perigosas (como raiva e medo) sem colocar-se em perigo ou ter de arcar com as conseqüências. Exemplos marcados pelo despertar da excitação mimética também são abundantes: assistir a um filme no cinema, ouvir uma ópera, ir à tourada, jogar *video game*.

Entretanto, devemos lembrar que há atividades em que o limiar entre a exposição ao risco e a perda do controle da situação pode se tornar muito tênue. É o caso de uma partida de futebol, na qual os espectadores se envolvem e experimentam forte ativação emocional associada a mecanismos de socialização e de dramatização. Em momentos críticos, os ânimos podem se exaltar, a excitação mimética do combate entre duas equipes pode se transmutar em uma rivalidade irracional entre duas facções de torcedores, a agressão simbólica dos gritos de guerra se converter em agressão física e ferimentos sérios. Nesse caso, em que ir ao estádio deixa de ser lazer, em que se presencia um arroubo de “descivilização”, a explicação sociológica extrapola o âmbito da quebra da rotina e entra no terreno das tensões sociais provocadas pela marginalização de certos grupos de indivíduos (Introd.: 88 e seg.).

Considerações finais

A originalidade da contribuição de Elias e Dunning para o estudo do lazer ficou bastante evidente nas seções anteriores. Para completar esta exposição, achamos necessário acrescentar três breves comentários, destacando os méritos da abordagem sociológica destes dois autores, em comparação com alguns modelos teóricos bastante utilizados, até recentemente, no Brasil.

A primeira observação é que não se deve estudar o lazer contemporâneo simplesmente como produto da urbanização e da industrialização. Do mesmo modo, uma explicação sociológica baseada na necessidade de atenuar a fadiga e o estresse do trabalho próprios da sociedade industrial – que Charles Chaplin encenou no filme *Tempos modernos* – pode parecer razoável, por utilizar um referencial teórico já conhecido, mas não se sustenta diante da multiplicidade de situações encontradas nesse campo de práticas sociais. O importante é que o estudo do lazer não deve se pautar pelas exigências ou demandas do mundo do trabalho; e a sociologia do lazer não deve ser concebida como um apêndice da sociologia do trabalho (cap. 2: 140 e seg.).

A segunda observação diz respeito ao fato das atividades de lazer se diferenciarem não apenas das ocupações profissionais, mas também de outras atividades incluídas no tempo livre. Sem dúvida, as normas e propriedades da esfera do lazer são diferentes das encontradas na esfera do não lazer. Isso não significa, porém, que as duas esferas devam ser estudadas de maneira isolada ou que sejam autônomas. As atividades do lazer estão em interdependência com as demais, sem serem subordinadas a elas. E mais: o processo civilizador impõe uma “interdependência funcional” entre lazer e não lazer (cap. 2: 161), condição para o desenvolvimento social avançar de modo equilibrado. Quer dizer, a manutenção da ordem social e da saúde mental e física dos indivíduos requer que se estabeleça uma interação balanceada entre a necessidade de autocontrole e a necessidade de quebrar a rotina.

A terceira se refere à interdisciplinaridade. Embora enfatizem o caráter essencialmente social do lazer, Elias e Dunning insistem no argumento de que uma

sociologia do lazer não pode desconsiderar as questões psicológicas e biológicas relacionadas com a busca do prazer que tais atividades propiciam (cap. 2: 164). É um erro investigar as relações e as configurações sociais sem compreender o que acontece com o indivíduo, como se este fosse uma “caixa preta” (cap. 2: 169-170). Por isso, nessa rica abordagem, expressões como “carência afetiva”, “agressividade”, “aprendizagem motora”, “taxa hormonal”, “sistema nervoso”, “impulsos libidinais”, “consciência”, “superego”, entre outras, podem começar a fazer parte do vocabulário sociológico.

Por fim, resta registrar que, nos últimos anos, é crescente o número de estudos sociológicos (e históricos) sobre o lazer que têm adotado a abordagem de Elias e Dunning como referência ou apoio, no País. Aos poucos, vão sendo construídas metodologias de pesquisa que permitem confrontar as categorias de análise aqui mencionadas com o material empírico selecionado e estabelecer maior diálogo entre diferentes grupos de pesquisadores. Não se trata, evidentemente, de excluir as demais abordagens, nem de eleger esta como a prioritária. O desafio está, justamente, na capacidade de inovar nas pesquisas de campo, abrindo novas estradas e expandindo fronteiras, uma vez que o universo do lazer ainda guarda muitos terrenos por desbravar.

Referências bibliográficas

- DUMAZEDIER, J. *Vers une civilisation du loisir?* Paris: Ed. du Seuil, 1962.
- ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. [Título original: *What is sociology?*] Lisboa: Edições 70, 1980.
- ELIAS, N. *El proceso de la civilización*. [Título original: *The civilizing process*] México: Fondo de Cultura Económica, 1987, v. 1.
- ELIAS, N. & DUNNING, E. *A busca da excitação*. [Título original: *The quest for excitement*] Lisboa: Difel, 1992.
- PARKER, S. R. *The future of work and leisure*. London: Macgibbon and Kee, 1971.